

Centro e periferia cinqüenta anos depois

Carlos Henrique Goulart Árabe*

Resumo: Este texto expõe as visões de Prebisch e Arrighi na questão do subdesenvolvimento, especialmente em torno dos modelos centro-periferia e seus diferentes pontos de vista dentro do contexto histórico do debate desenvolvimentista. Procura ainda estabelecer conexões sociológicas e políticas a partir das análises econômicas.

Palavras-chave: desenvolvimento e subdesenvolvimento econômico, capitalismo, Estado, classes sociais.

*Aluno de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Este texto está baseado no trabalho apresentado em disciplina ministrada pelo Prof. Brasílio Sallum Jr. na pós-graduação em Sociologia da FFLCH/USP, a quem agradeço pelas sugestões e estímulo.

Na América Latina, o tema do desenvolvimento organizou correntes interpretativas e uma forte interação entre economia e sociologia ao longo das décadas de 50, 60 e 70 do século XX. Neste texto¹ buscamos uma retrospectiva deste debate, resgatando a importância da concepção centro-periferia para compreender as disparidades de desenvolvimento na economia capitalista. Para isso, recorreremos ao contraponto entre um economista e um sociólogo, que, em momentos distintos, trouxeram valiosas contribuições.

Os trabalhos de Prebisch e Arrighi sobre a economia mundial e, em especial, sobre a desigualdade do desenvolvimento capitalista entre países e regiões estão inscritos, cada um a seu modo, em um grande debate histórico.

Raúl Prebisch publicou seu principal e mais criativo trabalho, *El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas*, em 1949. Chamado por Hirschman de "manifesto latino-americano", este texto marca, de modo magistral, o nascimento do desenvolvimentismo, vale dizer, de um modelo de análise histórico-estrutural e de um programa cujo horizonte era a superação da condição subdesenvolvida.

Giovanni Arrighi escreveu *A ilusão do desenvolvimento* relacionando-se com outra época. Publicado 50 anos depois do "manifesto latino-americano", tem a oportunidade de um balanço histórico e de uma revisão crítica de conceitos. Crítico do desenvolvimentismo de caráter nacional, postula que a possibilidade do desenvolvimento depende de mudanças estruturais na economia mundial no seu conjunto.

Noção comum aos dois autores é a de que a economia mundial estrutura-se de forma assimétrica, com um centro e uma periferia para Prebisch; incluindo uma zona intermediária, uma semiperiferia, para Arrighi. Mais importante ainda, para ambos desenvolvimento e subdesenvolvimento são partes de uma mesma realidade.

A partir da analogia entre as molduras construídas por Prebisch e Arrighi sobre a economia mundial capitalista, há uma aproximação em aspectos conceituais importantes, como a caracterização da especificidade do subdesenvolvimento. Mas, ao mesmo tempo, há diferenças teóricas nítidas entre os dois modelos analíticos. A começar pela identificação com Keynes em Prebisch, que utiliza contribuições do economista inglês como instrumento analítico para estabelecer diferenças entre a economia nos países "cênicos" e periféricos. Arrighi opera conceitualmente a partir (e além) da teoria dos sistemas mundiais, enfoque em grande medida constituído a partir da obra de Wallerstein. Também diferem, e muito, as concepções sobre a superação do subdesenvolvimento: Prebisch visualiza processos no interior do sistema capitalista; Arrighi propõe uma solução global para além desse sistema.

Nosso estudo está organizado nesta seqüência: a inserção dos autores no debate histórico sobre a economia mundial e o desenvolvimento; a noção chave de centro-periferia e sua articulação explicativa em cada esquema; e as conexões sociológicas e políticas que podemos explorar a partir dessas análises.

Centro e periferia cinquenta
anos depois

Carlos Henrique Goulart Árabe

1. Etapas e questões de método no debate sobre o desenvolvimento

a) As décadas de 40 e 50 registram o aparecimento de uma série de estudos econômicos e sociológicos sobre o "subdesenvolvimento", influenciados pelo keynesianismo e pelas teorias da modernização.²

Esta observação pode ser considerada correta se tomarmos estritamente os desdobramentos (evolutivos e de ruptura) da teoria econômica a partir da chamada escola clássica (Ricardo, Smith). Esta primeira grande hegemonia na economia política tratou do desenvolvimento capitalista como um de seus temas centrais, mas não do subdesenvolvimento, obviamente. A questão efetivamente será colocada no processo de expansão internacional do capitalismo e a decorrente diferenciação de modos de desenvolvimento desse sistema. Esse tema, no entanto, era impossível de ser tratado pelas preocupações que passaram a dominar o pensamento econômico no último quarto do século XIX, quando se instala a contra-revolução neoclássica, com sua ênfase na conduta dos produtores e consumidores individuais. Será então depois da grande crise dos anos 30, no curso de um período de hegemonia keynesiana que segue até as crises econômicas dos anos 70 e a virada neoliberal dos anos 80, que se instala, após a II Grande Guerra, o que se convencionou denominar de economia do desenvolvimento.³ É interessante notar uma das identidades entre o keynesianismo e o desenvolvimentismo: a importância conferida à atuação econômica do Estado, seja para superar os ciclos contracionistas e o desemprego (na versão keynesiana para os países centrais), seja para construir as bases da industrialização (na versão desenvolvimentista).

Se tomarmos, no entanto, um enfoque mais amplo, observaremos que o tema desenvolvimento/subdesenvolvimento - ainda que sob um tratamento metodológico substancialmente distinto - vem sendo objeto de estudo há mais tempo.

Diferente na forma e no conteúdo que adquiriu a partir da década de 1940, a investigação sobre as regiões "atrasadas" começou a se constituir, no pensamento socialista, desde fins do século XIX.

² MORAES, Reginaldo C. C. *Planejamento: democracia ou ditadura?* Ver especialmente o capítulo 2, "Tempo de reformas - ONU, CEPAL e Subdesenvolvimento".

³ SUNKEL, Osvaldo. El desarrollo de la teoría del desarrollo. In: SUNKEL, Osvaldo et al. *Transnacionalización y dependencia*.

É interessante notar que uma das obras de referência dos debates críticos sobre o desenvolvimentismo e sobre a dependência nos anos 60 e seguintes foi justamente *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, de Lenin, que foi publicado pela primeira vez na virada dos séculos XIX e XX.⁴

b) A questão do desenvolvimento é posta diante dos países e regiões que, no processo de constituição do capitalismo como um sistema universal, integram-se a esse sistema de forma subordinada e "atrasada". Ainda que não se possa abstrair as condições nacionais do desenvolvimento capitalista, o que vale tanto para os países que podem ser chamados de centrais como para aqueles periféricos, é possível reconhecer uma problemática específica para um conjunto de países capitalistas "subdesenvolvidos". Estamos nos referindo aqui a uma dupla especificidade. Àquela que registra o subdesenvolvimento (objeto do nosso ensaio), mas também à que nos fala das especificidades nacionais de modos de desenvolvimento entre os países desenvolvidos (que apenas assinalamos aqui). Prebisch, como veremos adiante, apontou diferenças fundamentais entre o capitalismo nos EUA e na Inglaterra.⁵

Quais os destinos ou - de forma mais precisa - quais as possibilidades históricas de desenvolvimento destas nações? Esta, talvez, seja a grande questão que envolve o tema do desenvolvimento na periferia do capitalismo. Intimamente ligada a ela está a avaliação da natureza destas sociedades.

Por isso mesmo, as várias abordagens sobre o subdesenvolvimento têm como pano de fundo, de forma explícita ou implícita, uma determinada compreensão do capitalismo.

Parte das análises que procuram explicar a condição "subdesenvolvida" pode ser inserida em um campo metodológico que organiza a investigação a partir de uma ótica evolucionista ou unilinear. Em geral caracterizadas como teorias da modernização, elas tratam o problema do "atraso" econômico e social assemelhando-o a um estágio superável em direção a formas mais desenvolvidas.

Centro e periferia cinquenta anos depois
Carlos Henrique Goulart Árabe

⁴ PALMA, Gabriel. Dependencia y desarrollo: una visión crítica. In: SEERS, Dudley. *Teoría de la dependencia. Una revaluación crítica*. Utilizando um ângulo de análise diferente, Wallerstein data o início dos debates sobre o "subdesenvolvimento" em meados dos anos 20, como uma resultante da disputa entre os Estados Unidos e a recém-criada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. WALLERSTEIN, Immanuel. The concept of national development, 1917-1989: Elegy and Requiem. In: _____. *After liberalism*.

⁵ Uma crítica interessante ao *mainstream* neoclássico que dissolve estas especificidades e opera como se houvesse um só modo de desenvolvimento capitalista está em WADE, Robert. *Governing the market: a decade later*.

Centro e periferia cinquenta anos depois

Carlos Henrique Goulart Árabe

⁶ Para uma visão latino-americana: LOWY, Michael (Org.). *O Marxismo na América Latina*. Ver especialmente a Introdução do autor; CARDOSO, Fernando. H.; FALETTI, ENZO. *Dependencia y desarrollo en América Latina*. Para uma análise crítica mais geral dos chamados esquemas evolutivos de modos de produção: MARX, Karl. *Formações econômicas pré-capitalistas*, especialmente a introdução de Hobsbawm; e MANDEL, Ernest. *A formação do pensamento econômico de Karl Marx*, cap. 8, "O Modo de Produção Asiático e as Precondições Históricas do Impulso Capital".

⁷ Marx considerava seriamente a hipótese de um desenvolvimento não-capitalista a partir da comunidade camponesa, aproximando-se de formulações consideradas "populistas" e distanciando-se dos marxistas russos contemporâneos a este debate, que defendiam a inevitabilidade do desenvolvimento capitalista. Uma referência básica para os últimos trabalhos de Marx especialmente voltados para o estudo da Rússia camponesa está em SHANIN, Teodor. Late Marx: gods and craftsmen. In: _____. *Late Marx and the Russian Road*.

⁸ Concepção formulada por Trotsky a partir da análise da revolução russa de 1905. "A hipótese que funda esta teoria poderia ser formulada nos seguintes termos: com a constituição do capitalismo como sistema mundial, a história

Localizam-se também neste campo metodológico interpretações com uma matriz teórica diferente, que advêm de uma interpretação linear ou evolucionista do próprio marxismo. São as análises "etapistas" que se articularam sob a influência dos Partidos Comunistas na América Latina posteriormente à década de 30. Esse enfoque buscou encontrar no atraso latino-americano a expressão de relações sociais feudais - realizando uma cópia absolutamente sem originalidade de um modelo que poderia ser abstraído da evolução de alguns países desenvolvidos da Europa - e via no desenvolvimento capitalista da periferia uma etapa histórica necessariamente a ser cumprida.⁶

Podemos encontrar em Marx elementos importantes de investigação sobre as regiões "atrasadas". É possível assinalar dois enfoques nestes estudos: um, o mais celebrizado, a idéia de que os países "adiantados" mostravam o caminho e arrastavam os mais atrasados na direção do desenvolvimento capitalista; outro, menos conhecido e difundido, estabeleceu-se a partir dos estudos de Marx sobre a Rússia, em que se levanta a possibilidade (e a crítica à inevitabilidade do desenvolvimento capitalista) de um desenvolvimento não capitalista para aquele país que se encontrava "em atraso" relativamente aos países capitalistas industrializados.⁷ A própria noção de atraso, neste caso, deixa de ser vista como referente a uma etapa e passa a ser percebida como produto histórico simultâneo e integrante do processo de universalização do capitalismo.

Tendo como referência este quadro mais amplo de elaborações, que envolve a relação entre capitalismo e subdesenvolvimento desde um ponto de vista histórico, é possível detectar uma abordagem não linear e não evolucionista, vale dizer, uma perspectiva histórica multilinear para a questão do subdesenvolvimento.

c) A abordagem de Prebisch pode ser incluída neste campo metodológico, no qual também se encontram os trabalhos de Arrighi e, ao lado, podem ser citados ainda, além dos últimos escritos de Marx, já mencionados, a interpretação de base marxista do desenvolvimento desigual e combinado⁸ e alguns autores que se situam entre a chamada escola da dependência e a teoria dos sistemas mundiais.⁹

Para este plano de abordagem, ganha determinação fundamental, sobre as características nacionais ou locais, o aspecto mundial do sistema capitalista. A universalização do capitalismo modifica (e condiciona) as possibilidades de desenvolvimento de cada sociedade que se compõe como parte deste sistema. Não se repete, a partir deste ponto de vista, a trajetória "ideal" dos países que ascenderam inicialmente à condição de capitalistas. As correntes teóricas que partilham deste campo metodológico diferenciam-se quanto à perspectiva - ou possibilidade - de um desenvolvimento não-capitalista para a periferia. Naturalmente também articulam de um modo particular um conjunto de categorias e elementos de análise.

Prebisch constrói sua análise considerando a concomitância do desenvolvimento e do subdesenvolvimento, produtos simultâneos da constituição da economia mundial. Nas palavras de Rodriguez:

*"Prebisch se negó a tratar como anomalia lo que en su experiencia fue percibiendo como un modo de ser. Entendió que el subdesarrollo no puede identificarse con un simple estado de atraso, con frecuencia atribuido al peso de factores extraeconómicos, supuestamente ligados a la estructura social. Antes bien, lo visualizó como un patrón de funcionamiento y de evolución específica de ciertas economías, que como tal merece un esfuerzo de elaboración teórica también específico."*¹⁰

2. Centro e periferia em Prebisch e Arrighi

a) O estruturalismo de Prebisch

A obra de Prebisch, bem como da CEPAL, foi detidamente analisada por vários autores.¹¹ Aqui procuraremos destacar, sobretudo, os aspectos de formulação derivados da concepção da economia mundial como uma estrutura centro-periferia, que é o ponto de partida analítico de Prebisch.¹² As estruturas produtivas centrais se caracterizam por sua homogeneidade em termos de produtividade e pela diversidade de seus ramos produtivos. Concentram a capacidade de geração de progresso técnico e de

Centro e periferia cinquenta anos depois

Carlos Henrique Goulart Árabe

mundial passa a ser uma totalidade concreta (contraditória) e as condições do desenvolvimento social e econômico conhecem uma mudança qualitativa: 'O capitalismo [...] prepara e, em certo sentido, realiza a universalidade e a permanência do desenvolvimento de diversas nações. Forçado a se colocar à reboque dos países avançados, um país atrasado não se encaminha para a ordem de sucessão [...].' As sociedades menos desenvolvidas têm a possibilidade, ou, mais que isso, são obrigadas a adotar certos estágios avançados de produção saltando etapas intermediárias [...] 'O desenvolvimento de uma nação historicamente atrasada conduz, necessariamente, a uma combinação original de diversas formas econômicas. O processo no seu conjunto adquire um caráter irregular, complexo, combinado.' Lowy, Michael. La théorie du développement inégal et combiné. (Tradução nossa).

⁹ Aqui nos referimos aos trabalhos de Andrew Gunder Frank e outros autores, nos quais se analisa a constituição histórica do "subdesenvolvimento" como um processo especificamente capitalista. Ao criticar a concepção dualista da CEPAL, contrapõem a idéia de que as relações sociais na periferia são relações capitalistas tendo em vista a sua inserção e a destinação de seu produto ao mercado internacional, aproximando, portanto, do enfoque dos sistemas mundiais. Para este enfoque, o capitalismo não

Centro e periferia cinquenta anos depois

Carlos Henrique Goulart Árabe

produziria senão (e no máximo) o "desenvolvimento do subdesenvolvimento", fórmula que expressa a impossibilidade de superar a condição da dependência nos marcos do capitalismo. Outra linhagem de estudos, como o de Cardoso e Faletto, propõe a integração do diagnóstico do "subdesenvolvimento", produto da expansão internacional do capitalismo, com a análise da sociedade e das formas específicas de dominação política no interior dos países periféricos. Outra contribuição desta corrente foi a caracterização do desenvolvimento *dependente* para compreender alterações de posição de países da periferia na divisão internacional do trabalho e processos de crescimento econômico a partir de meados dos anos 50, fortemente impulsionados pela "tríplice aliança" entre o capital internacional, o capital nacional e o Estado. A chamada escola da dependência expressou um conjunto diversificado de estudos críticos ao estruturalismo da CEPAL surgidos nos anos 60 e 70 em um momento de crise do desenvolvimento (e do desenvolvimentismo).

¹⁰ RODRIGUEZ, Octavio. *Prebisch: Actualidad de sus ideas básicas*.

¹¹ Destaca-se pelo rigor e capacidade de crítica o trabalho de Octavio Rodriguez, *Teoria do subdesenvolvimento da CEPAL*, elaborado a partir do incentivo do próprio Prebisch. Entre tantos outros estudos sobre a CEPAL,

acumulação de capital. A periferia, de outro lado, expressa uma estrutura heterogênea na sua produtividade e um importante grau de especialização.¹³ Dessa assimetria e das dinâmicas daí geradas resulta um desenvolvimento desigual. Por isso, o subdesenvolvimento não é um estágio anterior ao desenvolvimento, mas simultâneo no tempo histórico.

Prebisch mostra que esta estrutura leva a que, ao contrário da crença da teoria neoclássica sobre o comércio internacional - baseada em vantagens comparativas e na transmissão do progresso técnico, sem distorções, aos preços -, não se verifica uma distribuição igual do progresso técnico e tampouco dos rendimentos obtidos a partir daí. O centro, por sua estrutura econômica e social, tem a capacidade de reter parte dos ganhos de produtividade, não os transferindo aos preços. Além dos fatores econômicos já citados, a existência de sindicatos de trabalhadores impede a redução nominal dos salários, mesmo que os custos de reprodução da força de trabalho se reduzam por conta dos aumentos de produtividade. Adapta aqui, criativamente, a conhecida crítica de Keynes à concepção neoclássica de equilíbrio geral, em particular ao pressuposto da flexibilização para baixo dos salários nominais. A utilização do argumento keynesiano ocorre para evidenciar diferenças estruturais das sociedades centrais e periféricas. Enquanto nas primeiras a conformação da sociedade de classes, plenamente desenvolvida, joga assim um papel relevante, nos países periféricos dá-se o contrário, pela formação parcial e particular da sociedade de classes, em especial da classe trabalhadora incapaz de uma organização sólida para defender salários. Nestas condições, essas sociedades transferem seus ganhos de produtividade (e renda), via preços dos bens de exportação, ao centro.

A constituição da economia capitalista mundial, devido a essa estrutura centralizada e "orbital", tem sua dinâmica determinada pelo caráter do "centro cíclico". Assim, a passagem dos Estados Unidos à condição de centro principal, deslocando o antigo, a Inglaterra, tem importantes e decisivas implicações para o funcionamento do sistema no seu conjunto. Sendo, ao contrário da Inglaterra, uma economia de dimensões continentais e com alto e diversificado potencial produtivo, os Estados Unidos expressam um baixo

coeficiente de importação, vale dizer, estimulam pouco o crescimento da economia mundial quando a sua economia cresce (também ao contrário do que se passava com a Inglaterra). Essa situação, em meio a grandes turbulências mundiais (duas guerras mundiais, a grande recessão dos anos 30), agrava as relações centro-periferia e impõe a esta a busca de novas estratégias de desenvolvimento, que só poderiam se realizar como tal, mudando suas relações com o centro. A industrialização era vista como um caminho neste sentido. Do mesmo modo, mudanças na ordem internacional eram vistas como fundamentais.¹⁶

Resumo dos argumentos centrais em Prebisch

<p>Marco teórico</p>	<p>A partir de bases keynesianas, critica a teoria neoclássica das vantagens comparativas e elabora uma concepção alternativa para explicar desequilíbrios nas relações internacionais de troca e a disparidade do desenvolvimento e da riqueza entre os países. Dá grande importância à mudança do "centro cíclico" da economia mundial da Inglaterra para os EUA. De forma combinada, aponta a diferenciação entre as estruturas produtivas no centro (homogêneas e diversificadas) e na periferia (heterogêneas e especializadas). Funda, em conjunto com outros autores, a teoria do subdesenvolvimento.</p>
<p>Estrutura da economia mundial</p>	<p>Organização assimétrica da economia mundial (capitalista), formando um centro e uma periferia. O centro se define pela capacidade de gerar progresso técnico e de reter renda, enquanto a periferia absorve progresso técnico e transfere renda. A assimetria da economia mundial não é definida somente no plano internacional. Internamente, assinala o caráter diferenciado das estruturas econômicas e sociais dos países centrais (diversificada e homogênea em termos de níveis de produtividade) e dos países periféricos (especializada e heterogênea em termos de níveis de produtividade).</p>
<p>Natureza do subdesenvolvimento</p>	<p>Simultaneidade do subdesenvolvimento e do desenvolvimento. Além disso, um processo não precede, necessariamente, o outro. Ambos são partes constitutivas da economia mundial. Relações de subordinação da periferia ao centro. Estas relações, combinadas (na verdade, condicionadas) com o caráter diferenciado da estrutura produtiva entre os países centrais e periféricos, implicam o subdesenvolvimento.</p>
<p>Superação do subdesenvolvimento</p>	<p>O processo de industrialização é visto como parte fundamental, embora não suficiente, das alterações necessárias para a passagem ao processo de desenvolvimento. "Dialética" da industrialização: efeito positivo, mas contraditório (gera novas formas de subordinação da periferia ao centro). Inclui a necessidade de mudanças sistêmicas (pelo menos do ponto de vista regional).</p>

Centro e periferia cinquenta anos depois

Carlos Henrique Goulart Árabe

poderia ser citado também o ensaio de Fernando Henrique Cardoso, Originalidade da cópia: a CEPAL e a idéia de desenvolvimento, publicado na coletânea *As idéias e seu lugar: ensaios sobre as teorias do desenvolvimento*.

¹² Bielschowsky registra que "Prebisch ya utilizaba la expresión 'países periféricos' mucho antes de ingresar a la CEPAL. La categoría le servía hasta entonces para analizar la vulnerabilidad latinoamericana a la crisis cíclica de los años treinta [...]" BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Evolución de las ideas de la CEPAL*.

¹³ O desdobramento da caracterização de vários níveis de produtividade no interior da economia periférica levou a formulações sobre o "dualismo" da estrutura produtiva, uma contraposição entre setores modernos e atrasados, vistos como conjuntos estanques no seio da mesma sociedade e levando também à simplificação da idéia do desenvolvimento como superação e eliminação dos setores "arcaicos" da economia. Chico de Oliveira, na sua *crítica à razão dualista*, demonstrou que as diferentes formas de desenvolvimento das relações de produção internas, atrasadas e modernas, eram não só articuladas entre si como se nutriam mutuamente.

¹⁴ "Supor que a política de salários flexíveis seja um atributo normal e correto de um sistema baseado em

Centro e periferia cinquenta anos depois

Carlos Henrique Goulart Árabe

seu conjunto no princípio do *laissez-faire* é o oposto da verdade. Apenas numa sociedade altamente autoritária, capaz de impor mudanças súbitas, substanciais e completas, poderia funcionar com êxito uma política de salários flexíveis." KEYNES, John. M. *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro*, p. 258. Ver o interessante cap. 19 (Variações nos salários nominais).

¹⁵ PREBISCH, Raul. *El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas.*, especialmente o item "III. América Latina y la elevada productividad de Estados Unidos".

¹⁶ Este é um aspecto em geral pouco destacado, mas é evidentemente decisivo: não bastava mudar a estrutura produtiva interna; haveria que estabelecer também novas dinâmicas internacionais para alterar a relação centro-periferia. "En ese terreno la CEPAL tuvo un papel intelectual central en dos iniciativas institucionales de gran envergadura. En el segundo lustro de los años cincuenta participó en la creación de la Asociación Latinoamericana de Libre Comercio (ALALC). Y, en los primeros años del decenio de 1960, el propio Prebisch sería el personaje protagónico en la creación de la Conferencia de las Naciones Unidas sobre Comercio y Desarrollo (UNCTAD)." BIELSCHOWSKY, Ricardo. Op. cit.

b) A abordagem sistêmica de Arrighi

Principalmente em *A ilusão do desenvolvimentista: uma reconceitualização da semiperiferia*,¹⁷ Arrighi realiza um contraponto histórico e teórico com a concepção estruturalista construída pela CEPAL, vale dizer, com as teses fundamentais de Prebisch.

Em primeiro, evidencia-se uma grande aproximação no enfoque da economia mundial. Arrighi mantém o esquema centro-periferia com o acréscimo de uma zona intermediária, a semiperiferia. O centro, ou "núcleo orgânico" na expressão de Arrighi, é responsável, assim como em Prebisch, pela estruturação e comando do sistema, sendo beneficiário das relações desiguais estabelecidas no comércio mundial. Mas não só neste nível: Arrighi aponta limitações da concepção de troca desigual¹⁸ e considera que outros processos fundamentais de polarização na economia mundial também estão presentes, como os relacionados com a mobilidade do capital e do trabalho. Na verdade, o autor considera que estes elementos não operam apenas em uma única direção - como os movimentos de capital que, de um lado, promovem a "periferização" de setores industriais e, de outro, realizam uma intensa centralização de juros e lucros nos países do "núcleo orgânico" -, mas historicamente têm como resultante o reforço das estruturas mundiais assimétricas de poder e riqueza.

A constituição da semiperiferia, no modelo de Arrighi, é o máximo a que chega uma estratégia desenvolvimentista de caráter nacional ou regional. Expressa em grande medida o deslocamento industrial do núcleo orgânico. Mas este processo de industrialização periférica não deve ser confundido com desenvolvimento.

Ao contrário de Prebisch, que integra na sua análise sobre o subdesenvolvimento o condicionamento internacional e a estrutura produtiva interna dual e especializada, Arrighi se concentra no exame da economia mundial como elemento básico e praticamente único para a caracterização da diferenciação qualitativa do desenvolvimento entre o núcleo orgânico, a semiperiferia e a periferia.

Desenvolvimento deve significar, para a periferia e semiperiferia, aumento da participação na riqueza mundial. E, simultaneamente, mudanças significativas no sentido de uma

distribuição de renda mais igualitária no interior dos países periféricos. Este conceito fundamental de desenvolvimento, muitas vezes ausente nas formulações estruturalistas,¹⁹ é o critério que permite a Arrighi evidenciar que a economia mundial encontra-se estratificada, ao longo do século XX, em três zonas com pouquíssima mobilidade entre elas. Apenas o Japão e Itália poderiam ser incluídos entre os que passam da semiperiferia para o núcleo orgânico; e apenas a Coréia do Sul teria obtido o passaporte para a ida da periferia para a semiperiferia.²⁰

Resumo dos argumentos centrais em Arrighi

<p>Marco teórico</p>	<p>A partir da teoria dos sistemas mundiais, que concebe o capitalismo como sistema universal (concepção elaborada principalmente por I. Wallerstein), critica tanto as concepções neoclássicas como as da teoria do subdesenvolvimento formulada por Prebisch e outros autores. Procura superar as críticas à teoria dos sistemas mundiais (cuja base conceitual coloca a ênfase nas relações de troca, ou seja, na circulação de mercadorias), incorporando referências à divisão mundial do trabalho e às transferências unilaterais de capital e trabalho.</p>
<p>Estrutura da economia mundial</p>	<p>Organização assimétrica da economia mundial (capitalista), concebida como estratificada em três partes: núcleo orgânico, semiperiferia e periferia. As relações entre elas são definidas por uma troca desigual não restrita a preços de mercadoria (ou à esfera da circulação) incluindo também os chamados fatores de produção (capital e trabalho), ampliando, portanto, o conceito original de troca desigual (formulado por Arghiri Emmanuel).</p>
<p>Natureza do subdesenvolvimento</p>	<p>Mais do que simultaneidade da desigualdade do desenvolvimento capitalista entre os países, há a permanência do subdesenvolvimento como parte integrante e constante da economia mundial capitalista. A natureza do subdesenvolvimento é sistêmica e encontra-se fundada nas relações de troca desigual (conceito ampliado) e relações de dominação estabelecidas no plano internacional.</p>
<p>Superação do subdesenvolvimento</p>	<p>A superação do subdesenvolvimento está vinculada à superação da economia capitalista como sistema universal, à sua substituição pelo socialismo, também visto como um sistema universal. Crítica à industrialização quando vista como equivalente a desenvolvimento (tratar-se-ia de "periferização" da indústria). Crítica à "ilusão desenvolvimentista", vale dizer, às estratégias nacionais de desenvolvimento.</p>

Centro e periferia cinquenta anos depois

Carlos Henrique Goulart Árabe

¹⁷ Em ARRIGHI, Giovanni. *A ilusão do desenvolvimento*.

¹⁸ De acordo com Arrighi, o modelo de troca desigual formulado por Arghiri Emmanuel, aplica-se apenas parcialmente ao sistema centro-periferia, na medida em que pressupõe trocas entre economias niveladas em relação à produtividade e desniveladas em relação aos salários. Neste modelo ganham os países com maior nível salarial. ARRIGHI, Giovanni. Op. cit., p. 209.

¹⁹ A idéia de que o desenvolvimento só faz sentido com distribuição de renda e que para isso a ação direta das classes subordinadas é decisiva está presente com bastante clareza em um dos últimos livros de Celso Furtado, *Brasil: a construção interrompida*.

²⁰ ARRIGHI, Giovanni. Op. cit., p. 224. É interessante notar que o estudo da CEPAL, de maio de 2002, *Globalização e desenvolvimento*, com destaque para o cap. 3 (Desigualdades e assimetrias da ordem global), reforça bastante as conclusões de Arrighi ao mostrar o aumento da distância em termos de renda *per capita* entre o centro e as zonas periféricas.

A partir daí a conclusão de Arrighi é lógica: na medida em que a estrutura mundial do capitalismo não admite o desenvolvimento da periferia e da semiperiferia, a possibilidade do desenvolvimento deve repousar, portanto, em alterações profundas da economia e das instituições mundiais, na transformação do sistema em direção a um outro, de caráter socialista.

3. Conexões sociológicas e políticas

a) A partir das teses de Prebisch foi se edificando um verdadeiro programa de superação do subdesenvolvimento e um centro de implementação e elaboração das reflexões desenvolvimentistas, a CEPAL.

Tomando por base esse conjunto mais amplo, pode-se afirmar que o projeto de superação do subdesenvolvimento não se identificava com um processo espontâneo e, portanto, que não se tratava de repetir o curso das economias capitalistas desenvolvidas, ainda que objetivasse alcançar um desenvolvimento capitalista.

Nos estudos da CEPAL não há exatamente um modelo de capitalismo tomado como base. Talvez se pudesse falar em certas características de um modelo inacabado: um espaço econômico mais homogêneo, um Estado regulador ao estilo keynesiano, e, sobretudo, um capitalismo de bases nacionais. De todo modo, a perspectiva é a

saída do subdesenvolvimento por meio de um desenvolvimento capitalista induzido pelo Estado.

O programa para atingir este objetivo, a industrialização e a constituição de um mercado interior, dinamizaria um conjunto de elementos constitutivos do projeto em questão.²¹ Trata-se de um

[...] projeto sociopolítico, através do qual se tornam visíveis os vínculos do pensamento em questão com os pontos de vista e interesses de determinados grupos e classes sociais, revelando seu caráter ideológico.

Sobressai em primeiro lugar o papel atribuído à burguesia industrial nacional. A ela cabe liderar o afiançamento de relações

²¹ Ver a este respeito a importância que Celso Furtado dá ao mercado interno para a unificação das regiões do país e para a construção de identidade e autonomia nacionais, FURTADO, Celso. Op. cit.

de tipo capitalista [...]. Assim, pois, o projeto sociopolítico implícito no pensamento da CEPAL não só aparece como compatível, mas também como convergente com os interesses do grupo mencionado.

É de se observar, no entanto, que mesmo quando defende e privilegia tais interesses, esse projeto – e com ele o pensamento que o contém – possui também um cunho policlassista.²²

Ainda que privilegie os interesses da burguesia industrial, a construção deste projeto tem como agente e condutor, por excelência, o Estado. Naturalmente, um Estado dotado de uma racionalidade pensada acima dos conflitos sociais e dos interesses imediatos da própria classe beneficiária. O Estado é concebido, portanto, “como uma entidade externa ao sistema socioeconômico, capaz de apreendê-lo de uma forma consciente e de atuar sobre ele, imprimindo-lhe uma racionalidade que, por si só, ele não possui e conduzindo-o a resultados que, de outra maneira, seria impossível atingir.”²³

b) Mesmo considerando que a industrialização da semiperiferia não tenha mudado a estrutura da economia mundial (sobretudo, da sua distribuição de renda), Arrighi aponta que este processo fez parte de profundas mudanças sociais no mundo.

[O] aumento súbito da proletarização do mundo criou tensões e contradições [...] Processos generalizados de proletarização e industrialização dotaram o proletariado industrial da semiperiferia de um poder social comparável àquele anteriormente desfrutado somente pelo proletariado do núcleo orgânico, mas num contexto nacional de privação relativa há muito esquecido (se é que jamais foi experimentado) nos Estados do núcleo orgânico.²⁴

Arrighi reforça sua argumentação com Hobsbawm e a Isaac Deutscher para: com o primeiro, destacar estas grandes mudanças mundiais, particularmente nas três décadas seguintes à 2ª Guerra Mundial, em termos de urbanização, proletarização e redução do peso social do campesinato (e, em contrapartida, predomínio do

Centro e periferia cinquenta anos depois
Carlos Henrique Goulart Árabe

²² RODRIGUEZ, Octavio. *Teoria do subdesenvolvimento da CEPAL*, p. 264.

²³ Idem., p. 265.

²⁴ ARRIGHI, Giovanni. Op. cit., p. 232.

proletariado); com o segundo, indicar que este fenômeno foi ainda mais substantivo na União Soviética e demais países não capitalistas.

Estas afirmações podem ser combinadas com a idéia nuclear de Arrighi de que a superação do subdesenvolvimento, ou ainda da estrutura desigual da riqueza mundial, depende de uma transformação do sistema em seu conjunto em uma direção socialista. E esta combinação poderia indicar uma reflexão no sentido de que: 1.º) desenvolvimento e distribuição da renda são termos inseparáveis; 2.º) a estes dois termos junta-se um terceiro, relativo à democratização das relações de poder em escala mundial, sem o qual o binômio anterior não se realiza; 3.º) as classes sociais, o proletariado em particular, tem um poder social capaz de exercer diretamente uma ação transformadora; e 4.º) por fim, trata-se de superar os limites das estratégias de mudança no plano nacional e integrá-las às perspectivas de transformação em escala mundial.

Em *A desigualdade de renda e o futuro do socialismo*,²⁵ Arrighi argumenta que a possibilidade de um governo mundial socialista é menos fantasiosa hoje do que algumas décadas atrás.

O Grupo dos 7 vem se reunindo com regularidade e passou a se parecer cada vez mais com um comitê de gerenciamento dos assuntos comuns da burguesia mundial. Nos anos 80, o FMI e o Banco Mundial agiram cada vez mais como um ministério mundial das finanças. E, finalmente, os anos 90 começaram com a reformulação do Conselho de Segurança da ONU como um ministério mundial de polícia. [...] começa a surgir [...] uma estrutura de governo mundial, sob pressão dos acontecimentos e por iniciativa das próprias grandes potências [...].

Mas o próprio autor coloca a interrogação fundamental para se compreender que uma mudança de tal envergadura pressupõe a construção de novas estruturas de representação e de poder, e não uma reorientação das anteriores.

“[...] bem que se poderia perguntar – é possível que um processo que se desenvolveu para legitimar e garantir desigualdades mundiais se transforme num meio de promover maior igualdade e solidariedade mundiais?”²⁶ ■

²⁵ Idem., p. 253 e seguintes.

²⁶ Idem., p. 291.

Abstract: This text shows the Prebisch's and Arrighi's visions on economic underdevelopment, particularly on the center-periphery models, and their different points of view within the historic context of the developmentalist debate. It also tries to establish sociological and political links considering economic analyses.

Uniterms: development and economic underdevelopment, capitalism, State, social classes.

Centro e periferia cinquenta
anos depois

Carlos Henrique Goulart Árabe

Bibliografia

ALAVI, Hamza; SHANIN, Teodor. *Introduction to the Sociology of "developing societies"*. New York: Monthly Review Press, 1982.

ARBIX, Glauco; ZILBOVICIUS, Mauro; ABRAMOVAY, Ricardo (Org.). *Razões e ficções do desenvolvimento*. São Paulo: Unesp; Edusp, 2001.

ARRIGHI, Giovanni. *A ilusão do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BIELCHOWSKY, Ricardo (Org.). *Cinquenta anos de pensamento na CEPAL*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. Evolución de las ideas de la CEPAL. *Revista de la CEPAL*. Santiago de Chile, n. extraordinário, 1998, disponível em <http://www.eclac.cl/publicaciones/secretariaejecutiva/7/lcg2037/indice.htm> - acessado em 11/11/2003.

CARDOSO, Fernando H. *As idéias e seu lugar: ensaios sobre as teorias do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____; FALETTO, Enzo. *Dependencia y desarrollo en América Latina*. 15.ed. México: Siglo XXI, 1979.

CEPAL. *Globalização e desenvolvimento*. (<http://www.eclac.cl/brasil/default.asp>) Acessado em 11/11/2003.

FRANK, Andrew G. *América Latina: subdesarrollo o revolución*. México: Era, 1973.

FURTADO, Celso. *Brasil: a construção interrompida*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KEYNES, John M. *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

LOWY, Michael. La théorie du développement inégal et combiné. *Actuel Marx*. Paris, 18, 1995.

_____. (Org.). *O marxismo na América Latina*. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

Centro e periferia cinquenta
anos depois
Carlos Henrique Goulart Árabe

MANDEL, Ernest. *Formação do pensamento econômico de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARX, Karl. *Formações econômicas pré-capitalistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MORAES, Reginaldo C. C. *Planejamento: democracia ou ditadura?* São Paulo, 1987. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

OLIVEIRA, FRANCISCO. *A economia brasileira: crítica à razão dualista*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

PALMA, Gabriel. Dependencia y desarrollo: una visión crítica. In: SEERS, Dudley. *Teoría de la dependencia. Una revaluación crítica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

PREBISCH, Raul. El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas. *Boletín Económico de América Latina*. Santiago de Chile, VII (1), 1962.

RODRIGUEZ, Octavio. *Teoria do subdesenvolvimento da CEPAL*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. Prebisch: Actualidad de sus ideas básicas. *Revista de la CEPAL*. Santiago de Chile, 75, 2001.

SHANIN, Teodor. *Late Marx and the Russian Road*. New York: Monthly Review Press, 1983.

STALLINGS, Barbara; PERES, Wilson. *Crescimento, emprego e equidade: o impacto das reformas econômicas na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

SUNKEL, Osvaldo. El desarrollo de la teoría del desarrollo. In: _____ et al. *Transnacionalización y dependencia*. Madrid: Cultura Hispánica, 1980.

WADE, Robert. *Governing the market: a decade later*. LSE Development Studies Institute: www.lse.ac.uk/Depts/destin. Acessado em 11/11/2003.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The capitalist world-economy*. New York: CUP, 1979.

_____. The concept of national development, 1917-1989: Elegy and Requiem. In: _____, *After liberalism*. New York: The New Press, 1995.